

Canções e utopias na Guerra Civil Espanhola (1936-1939)

MARIA DULCE SIMÕES
INET-MD / FCSH-Universidade Nova de Lisboa
masimoes@fcs.unl.pt

RESUMO

A relação entre música, conflito, protesto e resistência política representa um campo de estudo que tem suscitado um interesse crescente por parte de investigadores de várias áreas das ciências sociais e musicais. A música desempenha um papel essencial na construção de identidades e solidariedades internacionais, favorecendo o intercâmbio de utopias e ligando os espaços, as emoções e a cultura política de diferentes grupos sociais. No contexto da Guerra Civil Espanhola (1936-1939), a música teve um papel significativo através de repertórios que apelavam à luta contra o fascismo. Neste texto, pretendo questionar a música enquanto veículo de ideologia e resistência política, considerando a sua ação mobilizadora em defesa dos valores democráticos da Segunda República, de modo a evidenciar como algumas canções foram transformadas e apropriadas para construir laços identitários entre diferentes grupos político-ideológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra Civil Española (1936-1939), música e conflito, canções de resistência, utopias partilhadas.

Recepción
23.1.2025
Aceptación
20.2.2025

Canciones y utopías en la Guerra Civil Española (1936-1939)

MARIA DULCE SIMÕES
INET-MD / FCSH-Universidade Nova de Lisboa
masimoes@fcs.unl.pt

RESUMEN

La relación entre música, conflicto, protesta y resistencia política representa un campo de estudio que ha despertado un creciente interés por parte de investigadores de diversas áreas de las ciencias sociales y musicales. Al desempeñar un papel esencial en la construcción de identidades y solidaridades internacionales, la música fomenta el intercambio de utopías al relacionar los espacios, las emociones y la cultura política de diferentes grupos sociales. En el contexto de la Guerra Civil Española (1936-1939), la música tuvo un papel significativo a través de repertorios que llamaban a la lucha contra el fascismo. En este texto pretendo cuestionar la música como vehículo ideológico y de resistencia política, considerando la acción movilizadora en defensa de los valores democráticos de la II República; con el fin de resaltar cómo algunas canciones fueron transformadas y apropiadas con la función de construir vínculos identitarios entre diferentes grupos político-ideológicos.

PALABRAS CLAVE: Guerra Civil Española (1936-1939), música y conflicto, canciones de resistencia, utopías compartidas.

PRIMEIROS ACORDES

(...)
De la vida, viviendo
Sólo una larga espera
A fuerza de recuerdos.
Un día, tú ya libre
De la mentira de ellos,
Me buscarás. Entonces
¿Qué ha de decir un muerto?¹

A relação entre música, conflito, protesto e resistência política representa um campo de estudo que tem suscitado um interesse crescente por parte de investigadores provenientes de diversas áreas das ciências sociais e musicais. Ao representar um relevante papel na construção de identidades e de solidariedades internacionais, a música fomenta a partilha de utopias ao relacionar os espaços, as emoções e a cultura política de diferentes grupos sociais. No contexto da guerra Civil de Espanha (1936-1939) a música teve um papel relevante na partilha de utopias, por meio de repertórios que apelavam à luta contra o fascismo. Algumas canções mais emblemáticas do Cancioneiro da Guerra foram resgatadas da tradição oral e de lutas passadas, por diferentes grupos sociopolíticos, e utilizadas como veículos ideológicos e de propaganda. Enquanto outras foram criadas para situações concretas, de maneira a magnificarem a acção dos combatentes e simbolizarem acontecimentos, como referentes de ideais políticos inquestionáveis.

A sublevação de 18 de Julho de 1936 em Espanha, que se transformou numa guerra civil, mobilizou intelectuais, escritores, poetas e artistas de todo o mundo na luta contra o fascismo. A dimensão política, social e humana do conflito originou

[1] Cernuda, Luis. *La realidad y el deseo* (Las nubes, 1936-1958). *Poesía Completa*, volumen 1. Ed. Siruela, 1993. Poema musicado por Paco Ibañez (1969).

uma inesgotável bibliografia historiográfica, literária e poética, assim como uma vasta discografia editada por europeus e norte americanos. Poetas como António Machado e Federico García Lorca e músicos como Pete Seeger, Woody Guthrie e Ernest Bush perpetuaram nas suas canções os valores da liberdade e a esperança num mundo mais justo e igualitário. As suas poesias e melodias têm a capacidade de desenhar horizontes de esperança, com os quais nos identificamos e vislumbramos futuros. A simplicidade das mensagens que transmitem é geralmente básica, tanto musicalmente como poeticamente, de forma a permitirem a memorização e a rápida difusão popular. Por isso, é comum encontrarmos a reutilização de uma mesma melodia à qual se sobrepõem textos distintos, muitas vezes resultantes de improvisações, como garante da funcionalidade indispensável para que uma canção se converta num símbolo identitário e ideológico.

Neste texto não pretendo enumerar exaustivamente a diversidade deste amplo repertório, mas questionar a música como veículo ideológico e de resistência política durante a guerra civil espanhola, atendendo à acção mobilizadora na defesa dos valores democráticos da II República, de maneira a destacar como algumas canções foram transformadas e apropriadas com a função de construir vínculos identitários entre diferentes grupos político-ideológicos.

MEMÓRIAS DAS CANÇÕES DA GUERRA, NA RAIJA DO BAIXO ALENTEJO

Eu sou a triste pobre Espanha desvalida
São os meus filhos que me têm devorado
Eu vejo além no campo a cruz erguida
Dos corpos humanos que lá têm sepultado. (...)²

Ao longo do meu trabalho de campo sobre as memórias da guerra civil espanhola na raia do Baixo Alentejo/Extremadura/Andaluzia, as canções associadas ao conflito surgiam nas narrativas de forma fragmentada, em função das experiências de vida e dos contextos sociais das pessoas (Simões, 2013). Em 2006 gravei em Barrancos (Baixo Alentejo) uma canção popular recordada por Maria dos Remédios Guerreiro, resgatada das canções de cegos, que circulava no espaço privado da família, amigos e vizinhos. Em 2008 a canção foi recriada para a banda sonora do documentário “Los Refugiados de Barrancos”, realizado pelas Producciones Morrimer de Lerena (Badajoz)³ e reconquistou o espaço público, representando muitas das canções transmitidas pela oralidade, que testemunham o impacto do conflito na memória colectiva das populações raianas portuguesas.

[2] Canção cantada por Maria dos Remédios Guerreiro na abertura do vídeo “Memórias da Guerra Civil de Espanha (1936-1939)”, com testemunhos recolhidos pela autora. <https://www.youtube.com/watch?v=cVBq8ejgXIO>

[3] “Los Refugiados de Barrancos”. <https://www.youtube.com/watch?v=YHByvYhVdKA>

(...) Em 36 que a Guerra foi começada.
 No mês de Julho comecei esta perdida
 Mas já me vejo de todos destroçada
 Eu sou a triste pobre Espanha desvalida. (bis)
 Até por fim deixarei de ser Espanha
 Ou perderei este meu ser de toda a vida
 Pelos flagelos dos abusos de campanha
 Eu vejo além e no campo a cruz erguida.⁴

Na memória colectiva dos meus informantes, de ambos os lados da fronteira, as mulheres republicanas eram sistematicamente referenciadas, por representarem um símbolo de emancipação da década de 1930, reclamando e defendendo os seus direitos, intervindo na vida pública, pegando em armas, mas também pela brutalidade da repressão que se abateu sobre elas por terem trespassado a fronteira social estabelecida pela sociedade patriarcal. A canção “¡Ay, Carmela!” recordava-lhes simbolicamente a luta dessas mulheres trabalhadoras e resistentes antifascistas. A canção, também conhecida como “El Paso del Ebro” ou “El Ejército del Ebro”, foi originalmente composta em 1808 contra as invasões francesas na Guerra da Independência. No contexto da guerra civil espanhola foi apropriada pelos milicianos republicanos que lhe introduziram diversas alterações textuais, de forma a adequar-se ao momento histórico. Nas ruas e nas trincheiras entoava-se “¡Ay, Carmela!” ao ritmo do fandango, recordando num canto coletivo que “nada pueden bombas donde sobra corazón”, consagrando, com o poder da guitarra, o desejo de uma vitória inatingível.

(...) El furor de los traidores,
 rumba la rumba la rumba la
 lo descarga su aviación,
 ¡Ay Carmela! ¡Ay Carmela!
 lo descarga su aviación,
 ¡Ay Carmela! ¡Ay Carmela!
 Pero nada pueden bombas,
 rumba la rumba la rumba la. (bis)
 donde sobra corazón,
 ¡Ay Carmela! ¡Ay Carmela!
 donde sobra corazón,
 ¡Ay Carmela! ¡Ay Carmela!
 Contra ataques muy rabiosos,
 rumba la rumba la rumba la.(bis)
 deberemos resistir,
 ¡Ay Carmela! ¡Ay Carmela!
 deberemos resistir,
 ¡Ay Carmela! ¡Ay Carmela! (...).

[4] *Idem.*

Pelas suas intervenções políticas e sociais, as mulheres republicanas foram brutalmente violentadas pelos falangistas, estigmatizadas como perigosas marxistas, rapadas e passeadas pelas ruas, depois de forçadas a ingerirem óleo de rícino, e obrigadas a cantar “Cara al Sol”, o hino da Falange Espanhola. “Cara al Sol” foi criada a 3 de Dezembro de 1935 por um grupo de escritores convocados por José Antonio Primo de Rivera, para a criação de um hino com música do compositor basco Juan Tellería. “Nuestro himno debe ser una canción alegre, exenta de odio, pero a la vez de guerra y amor”, terá afirmado José Antonio Primo de Rivera.

(...) Volverán banderas victoriosas
 al paso alegre de la paz,
 y traerán prendidas cinco rosas,
 las flechas de mi haz.
 Volverá a reír la primavera
 que por cielo, tierra y mar se espera
 ¡Arriba escuadras a vencer,
 que en España empieza a amanecer!

Depois da guerra, “Cara al Sol” tornou-se num dos hinos oficiais do franquismo, a par da “Marcha Real” e do “Himno de Oriamendi” (Carlista), que na Espanha democrática continuam a ser entoados publicamente nas praças de Madrid a 20 de Novembro, para recordar o fuzilamento de José Antonio Primo de Rivera.

REPERTÓRIOS DE LUTA DE RAIZ POLÍTICA E POPULAR

Negras tormentas agitan los aires
 nubes oscuras nos impiden ver,
 aunque nos espere el dolor y la muerte,
 contra el enemigo nos llama el deber.
 El bien máspreciado es la libertad
 hay que defenderla con fe y valor,
 alza la bandera revolucionaria
 que llevará al pueblo a la emancipación
 (...)

No lado republicano cada grupo político-partidário compôs canções e hinos distintivos para reforçar vínculos identitários, e editaram-se cancioneros de guerra, para além da recuperação de canções de resistência bascas e catalãs que constituem um vasto património musical. No *Cancioneiro Libertário* estão reunidas as canções mais representativas do movimento anarco-sindicalista, das quais destaco “¡A las Barricadas!”. O tema original, intitulado “Varsoviana”, foi criado em 1883 por um poeta polaco a partir de uma música popular, e foi cantada pela primeira vez em 1885, numa manifestação do movimento operário polaco contra a ocupação russa.

A canção alcançou grande difusão entre os trabalhadores revolucionários russos, polacos e alemães nos finais do séc. XIX, popularizou-se na Europa, foi cantada em Espanha em 1932 por um grupo de anarco-sindicalistas alemães e foi adaptada para castelhano pelo jovem anarquista Jacinto Toryho, militante das Juventudes Libertarias madrilenas. “Nadie supo a quién pertenecía la letra y la música, ni el autor tuvo interés alguno en que se supiese. Lo importante era que teníamos un himno de guerra”. Em 1933 a partitura foi publicada no suplemento do jornal “Tierra y Libertad” de Barcelona, com o título “Marcha Triunfal” subintitulada “¡A las Barricadas!”, como hino da Confederação Nacional do Trabalho (CNT). A primeira gravação realizou-se em 1936, pelo Orfeó Català de Barcelona sob a direção de Francesc Pujol.

(...) alza la bandera revolucionaria
que llevará al pueblo a la emancipación.
En pie pueblo obrero, a la batalla
hay que derrocar a la reacción.
¡A las barricadas, a las barricadas,
por el triunfo de la Confederación!
¡A las barricadas, a las barricadas,
por el triunfo de la Confederación!

Em 1936, os comunistas publicam os seus cançoneiros de guerra utilizando a estrutura editorial facultada pelo governo republicano através de Jesús Hernández, membro do PCE e ministro da Instrução Pública, nos quais “A Internacional” ocupou lugar de destaque. No romance *L'Éspoir*, André Malraux diz-nos que era a canção mais ouvida nos últimos dias de Julho de 1936, quando os milicianos comemoravam a vitória popular contra o golpe militar franquista, apesar das versões textuais serem adaptadas a diferentes filiações político-partidárias. Ao longo do conflito “A Internacional” foi perdendo relevância, “quando o romantismo do internacionalismo proletário foi substituído pelo pragmatismo no campo de batalha”, escreveu Malraux. Este facto deveu-se ao início de um novo período da luta antifascista, com a formação do Quinto Regimiento de Milícias Populares pelo PCE e as Juventudes Socialistas Unificadas (JSU), no qual imperava a disciplina, a organização e uma logística ajustada às necessidades das estratégias militares.

No Quinto Regimiento combateram voluntários comunistas portugueses e conhecidos poetas e escritores espanhóis, como Rafael Alberti, Pedro Garfias e Miguel Hernández, assim como o músico Rafael Oropesa membro da Banda Municipal de Madrid, militante comunista e director do Sindicato de Autores. Durante a guerra Rafael Oropesa foi capitão e formou a banda do Quinto Regimiento a 22 de Julho de 1936, composta por 32 músicos que atuaram em diversas frentes de batalha, como Madrid, Jarama, Brunete e Ebro. A letra da canção mais emblemática do grupo, “El Quinto Regimiento”, atribuída a autor anónimo, exalta a coragem dos líderes militares, mantendo o arranjo musical criado por Federico García Lorca para a canção “¡Anda Jaleo!”.

El 18 de Julio,
 en el patio de un convento
 el pueblo madrileño
 fundó el quinto regimiento
 ¡Anda jaleo, jaleo!
 Suena la metralladora
 Y Franco se va a paseo, (bis)

Con Lister el campesino,
 con Galán y con Modesto,
 con el comandante Carlos
 no hay miliciano con miedo
 ¡Anda jaleo, jaleo!
 Suena la metralladora
 Y Franco se va a paseo, (...).⁵

Para além das canções que procediam de repertórios de ativismo político, recriadas durante o período da guerra, destaca-se o tratamento concedido às canções espanholas para canto e piano, harmonizadas por Federico Garcia Lorca, assassinado nos primeiros dias do conflito. Por serem canções que tinham percorrido as povoações espanholas acompanhando o teatro “La Barraca”, e pela apropriação do poeta como símbolo do modelo cultural republicano. As primeiras gravações das canções da guerra destacaram parte desse repertório, enraizado na tradição popular, como o tema “Los Contrabandistas de Ronda”, composto para piano com o título de “¡Anda Jaleo!” ou “El Pino Verde”, cuja letra foi amplamente adaptada ao contexto da guerra. Na procura da autenticidade popular dos arranjos de Lorca enfatizou-se o protagonismo da guitarra sobre o piano, introduzindo instrumentos musicais mais populares, como no caso de “El Tren Blindado”. Canção inspirada na Revolución de Asturias, quando, durante a Greve Geral de Outubro de 1934, a Alianza Obrera (formada por sindicatos socialistas e anarquistas) tomaram o poder regional e criaram um exército formado por operários mineiros, proclamando a Comuna Asturiana.

A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES INTERNACIONAIS EM TEMPO DE GUERRA

(...) Las calles están teñidas
 de sangre internacional.
 Una bala lo destroza
 disparada con certeza
 por un frío fusil alemán (...)

[5] “El Quinto Regimiento” foi uma das canções gravadas por Pete Seeger e Woody Guthrie na editora Folkways. “Spanish Civil War Songs”, RG Recorded by Pete Seeger.

A partir de Setembro de 1936, com a formação das Brigadas Internacionais, colectivos de homens e mulheres de diversas culturas e nacionalidades optaram voluntariamente por pegarem em armas para defenderem a II República. Os “voluntários da liberdade” representaram um modelo paradigmático de construção de identidades durante a guerra. Neste contexto, novas e velhas canções foram resgatadas e reproduzidas nas trincheiras como símbolos de identidade, ou compostas com propósitos unificadores e transculturais, desempenhando um amplo e heterogéneo papel na convivência comunitária, como no caso da canção “Hans Beimler”.

O tema original provinha de uma canção popular alemã de 1827, cuja temática era a vida militar e a morte em combate de um companheiro de armas, que os brigadistas alemães, muitos deles veteranos da I Guerra Mundial, cantavam frequentemente, apesar de questionarem a falta de adequação da letra à realidade do conflito espanhol. Com a morte do comissário político Hans Beimler, em Dezembro de 1936, Ernst Busch, cantor de intervenção em cabarets de Berlim e um dos actores da “Opera dos três vinténs” de Bertolt Brecht, recriou a letra da canção em homenagem ao seu compatriota.⁶

(...) Comisario Hans Beimler
 nadie te podrá olvidar
 Te lo juro camarada
 vivirás entre nosotros
 ;Vencerá la libertad!
 ;Vencerá la libertad!

No caso do repertório das Brigadas Internacionais, Joaquina Labajo (2011) diz-nos que “a seleção de canções entre milicianos e brigadistas exigiu acordos, de forma a estabelecerem um corpus musical partilhado, devido à heterogeneidade cultural dos grupos que as compunham”. Assim, todos os grupos procuraram encontrar fórmulas, através de traduções e melodias emblemáticas que permitissem superar nacionalismos redutores.

Em *Homenaje a Cataluña*, George Orwell, descreve-nos a difusão das canções revolucionárias nas ruas de Barcelona em 1936. Assinalando que eram vendidas por pouco cêntimos, e o modo como os milicianos decoravam laboriosamente as letras e as começavam a cantar com a melodia mais apropriada. A canção “Si Me Quieres Escribir”, também conhecida como “Ya Sabes Mi Paradero”, foi talvez a que mais transformações sofreu a nível textual, para se adequar à localização dos milicianos e às precárias condições de vida que enfrentavam na frente de combate durante a Batalha do Ebro. A melodia original remontava a uma antiga canção dos militares

[6] Hans Beimler foi deputado do Parlamento alemão e membro do Partido Comunista (KPD). Em Abril de 1933, com a ascensão do Nazi-fascismo, foi preso no campo de concentração de Dachau, do qual conseguiu escapar, e exilou-se em Espanha. No início da guerra integrou-se no Batalhão Thälmann, das Brigadas Internacionais. Após a sua morte na frente de Madrid Hans Beimler foi sepultado no cemitério de Montjuic, em Barcelona.

espanhóis que combateram na Guerra de África entre 1911 e 1927, contra as tribos del Rif no norte de Marrocos, na qual Francisco Franco se destacou militarmente no comando da Legião Espanhola pela sua crueldade no campo de batalha.

Si me quieres escribir, ya sabes mi paradero,
Si me quieres escribir, ya sabes mi paradero,
En el frente de Gandesa primera linea de fuego.
En el frente de Gandesa primera linea de fuego. (...).⁷

Entre 1937 e 1940 as edições discográficas realizadas em Espanha e fora de Espanha, como as edições da *Folkways Records* e *Le Chant du Monde*, tiveram como objetivo preservar a memória e a acção colectiva na diáspora do exílio republicano. O “Himno de Riego” pela sua popularidade e significado como hino da República encontra-se em todas as coletâneas, e em diversas línguas, continuando a alimentar as utopias na Espanha democrática, como se verificou no movimento de 25 de Fevereiro de 2012 em Alicante, e nas manifestações de 2014 em Valencia, em defesa da Republica.⁸

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o Franquismo as canções dos resistentes republicanos debateram-se entre a memória e o silêncio, circunscritas ao espaço privado até conquistarem o espaço público após a transição democrática. Velhos repertórios foram resgatados como herança cultural e apropriados por diferentes grupos políticos, para recuperarem a memória de um passado signficante e afrontar o presente. Parte deste repertório foi reinterpretado, transmitido oralmente e novamente registado e reutilizado sobre novos suportes e contextos, num processo de permanente resignificação. Grande parte foi gravado e recriado em novas versões instrumentais, ou adaptado a diferentes géneros musicais: folk, blues, rock, punk, flamenco, jazz, polifonia, tradicional e experimental. Algumas canções, pelas suas características textuais e estilísticas, ou pelo seu posterior devir histórico em diferentes conflitos, continuam a circular como símbolos de contestação e resistência política. Como enunciado de utopias partilhadas, as canções da guerra civil espanhola permanecem no ciberespaço, em blogs e vídeos amadores no YouTube, servindo de inspiração para lutas presentes e futuras.

[7] “Spanish Civil War Songs”-RG Recorded by Pete Seeger: <http://www.youtube.com/watch?v=NI1g-uGfdQw>

[8] Manifestación por la República en Valencia, 7 de Junho de 2014. <https://www.youtube.com/watch?v=zWmiUnUIr7g>

BIBLIOGRAFIA

- CONTRERAS ZUBILLAGA, Igor (2011). “El eco de las batallas: música y guerra en el bando nacional durante la contienda civil española (1936-1939)”. *Amnis* [En ligne], 10 | 2011, mis en ligne le 01 avril 2011, consulté le 09 avril 2025. URL : <<http://journals.openedition.org/amnis/1195>>; DOI : <<https://doi.org/10.4000/amnis.1195>>
- CORTÈS, Francesc & ESTEVE, Josep-Joaquim (2012). “Músicas en tiempos de guerra. Cancionero (1503-1939)”. *El espejo y la lámpara*, 6. Barcelona: UAB.
- DEL VAL, Fernán (2009). “Los tiempos están cambiando: música y política en la Transición española”. *Revista Trasversales*, 14. URL: <http://www.trasversales.net/t14val.htm>
- DÍAZ DE VIANA, Luis (2007). *Cancionero popular de la Guerra Civil Española. Textos y melodías de los dos bandos*. Madrid: La Esfera de los Libros.
- (1986). *Canciones populares de la Guerra Civil*. Madrid: Taurus.
- FRASER, Ronald (1979). *Recuérdalo tú y recuérdalo a otros. Historia oral de la Guerra Civil Española*. Barcelona: Crítica.
- KLEIN, Fernando.(2008). *Canciones Para La Memoria: La Guerra Civil Española*. Ed. Bellaterra.
- LABAJO VALDÉS, Joaquina (2011). “La práctica de una memoria sostenible: el repertorio de las canciones internacionales de la Guerra Civil Española”. *Arbor: Ciencia, pensamiento y cultura*, 751: 847-856.
- (2004). “Compartiendo canciones y utopías: el caso de las Brigadas Internacionales de la Guerra Civil Española”. *Trans: Transcultural Music Review–Revista Transcultural de Música*, 8.
- MALRAUX, André (1972). *L’Espoir*. FOLIO.
- OSSA MARTÍNEZ, Marco Antonio de la (2011). *La música en la guerra civil española*. Sociedad Española de Musicología (SEDEM), colección Coediciones, 109.
- ORWELL, George (2007). *Homenaje a Cataluña*. Virus Editorial.
- PIÑEIRO OTERO, M.^a Teresa (2005). “EL cancionero de la guerra civil. Propaganda y contrapropaganda sonora”. *Revista de la SEECI*, 12: 108-146.
- SIMÕES, Maria Dulce (2013). *Frontera y Guerra Civil española. Dominación, resistencia y usos de la memoria*. Badajoz: Diputación de Badajoz.

DISCOGRAFIA

- Cancionero de las Brigadas Internacionales* (Barcelona, 1938), copilado por Ernest Bush. Reeditado como *Six Songs For Democracy* (New York, Keynote Recordings, 1940).
- URL: <https://folkways.si.edu/pete-seeger-and-group-ernst-busch-and-chorus/songs-of-the-spanish-civil-war-vol-1-songs-of-the-lincoln-brigade-six-songs-for-democracy/american-folk-historical-song/music/album/smithsonian>

